

Arqueologia

Novas gravuras em Foz Côa

III ★ Descobertas mais 30 rochas com figuras paleolíticas e da Idade do Ferro
III ★ Director do Parque Arqueológico estima que podem ser visitadas brevemente

■ Eduardo Pinto

O Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) catalogou, durante os primeiros dois meses deste ano, mais 30 novas rochas no Vale do Côa, que apresentam gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro. Trata-se de um conjunto disperso por toda uma área junto à foz do rio Côa e que vem provar que ainda existe muita arte pré-histórica escondida.

Consciente desta realidade, António Martinho Baptista, director do CNART, diz que foi preciso contratar mais um arqueólogo, expressamente para fazer uma prospeccção exhaustiva. "Rocha a rocha, terraço a terraço, monte a monte, em toda a zona envolvente do futuro Museu do Côa", precisou.

As 30 rochas contêm, sobretudo, gravuras "incisas", que não são as mais mediatas por exigirem um maior esforço de observação. Ainda assim, são "de boa qualidade artística", nota Martinho Baptista, realçando que a maior parte das gravuras pertencem à Idade do Ferro.

O frio que se tem feito sentir tem dificultado o trabalho dos arqueólogos, im-



O frio tem dificultado o trabalho nocturno dos arqueólogos

MUSEU: PROJECTO CONCLUÍDO EM SETEMBRO

■ ■ ■ ■ O processo do Museu do Côa está em fase de estudo prévio do projecto, que é considerada essencial. A partir da sua aprovação, entrará numa fase irreversível. Os prazos inicialmente impostos aos arquitectos que venceram o concurso público para a elaboração do projecto estão a ser cumpridos. Camilo Rebelo e Tiago Pimentel esperam tê-lo concluído até Setembro.

pedindo-os de fazerem prospeccção durante a noite. O director do CNART estima que no fim deste mês já seja possível o estudo nocturno dos novos núcleos.

Estes conjuntos poderão vir a tornar-se visitáveis dentro de algum tempo, já que o investigador entende que é "necessária" a abertura de novos núcleos ao público. "Estamos a pensar em criar alguns trilhos pedestres para um tipo de visitas diferentes do actual",

Entretanto, o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) prepara o anúncio de novos circuitos dentro do parque. A partir de Abril será possível visitar os núcleos de gravuras em barcos. Para o efeito vai ser celebrada um protocolo com uma empresa privada do ramo, que disponibilizará os meios técnicos e humanos que permitam uma visita em segurança. "Uma das viagens fluviais vai parar num novo núcleo

de gravuras a que não era fácil aceder de outra forma", garantiu, ao JN, a directora do parque, Alexandra Cerqueira Lima.

Para o Verão está agendada o início das visitas nocturnas, que permitirá observar gravuras dificilmente descorriáveis com luz natural. Este novo modelo exigirá a inscrição dos interessados com alguma antecedência. Em dias a definir será ainda possível acompanhar os trabalhos de investigação.

Documentário de "grande qualidade técnica e científica"

Filme divulga gravuras do Côa

O Vale do Côa e as suas gravuras vão ser mostrados ao mundo através de um filme de um realizador francês. Um documentário, disponível em versão portuguesa, francesa e inglesa, que dá a conhecer o trabalho dos arqueólogos e as gravuras pré-históricas ao ar livre que se encontram nas margens do rio Côa.

PAVCA DOCUMENTÁRIO VALE DO CÔA

O Vale do Côa e as descobertas que têm vindo a ser feitas ao longo dos últimos anos deram origem a um filme do realizador francês Jean-Luc Bouvet. "Côa, la rivière aux mille gravures" (Côa, o rio das mil gravuras) é o título do filme, apresentado no Centro Cultural de Vila Nova de Foz Côa, na última quinta-feira, dia 15.

O trabalho, com 53 minutos de duração, tem produção de Gabriel Chabrier e versa sobre os milhares de gravuras pré-históricas ao ar livre que se encontram nas margens do Rio Côa, descobertas no início dos anos 90.

Como destaca o filme, "ao longo das margens do rio Côa, estende-se um verdadeiro tesouro arqueológico: milhares de gravuras pré-históricas ao ar livre. Aquando da sua descoberta no início dos anos 90, tiveram o direito de uma bonificação, a arte das cavernas, considerada até então como a régua, poderia não ter sido mais que uma excepção. Um campo de investigação imenso que veio revolucionar a visão da Pré-História".

Apresentado em antestreia, o filme é considerado pelo ICGSPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico) um documentário "de grande qualidade técnica e científica, através do qual se aprende a realidade de um património mundial que tem vindo a ser investigado na última década". O objectivo é que esta produção audiovisual, apoiada por instituições públicas e privadas de ambos os países, entre os quais o ICGSPAR, o Museu Nacional de História Natural de Paris e o próprio Centre National de la Recherche Scientifique, permita divulgar amplamente a um património cuja valia é realçada por alguns dos maiores especialistas internacionais sobre a matéria.

O documentário incrementa a discussão científica sobre o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) numa altura em que decorrem as obras de construção do Museu de Arte e Arqueologia em Vila Nova de Foz Côa, cuja conclusão da obra é apontada para finais do próximo ano. O ICGSPAR refere que, com a concretização deste espaço museológico, "criam-se condições para a salvaguarda e divulgação da arte rupestre do Côa e a protagonizam um dos eixos de desenvolvimento da região".

Por sua vez, António Martinho Baptista, director do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), considera "valioso" o melhor documentário não só nacionalmente, como fora do País.

importância do filme como forma de "divulgar um pouco por todo o mundo, a qualidade da arte rupestre do Vale do Côa".

O vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, Vítor Sobral recorda a luta levada a cabo em defesa das gravuras. "Foi uma grande luta, na sequência do aparecimento das gravuras, que se fez pela defesa do valor do património ligado a estas gravuras. E houve muitas pessoas neste Conselho que não regatearam esforços por essa causa e que hoje merecem uma homenagem, porque foi devido a elas que hoje é apresentado um filme que será um instrumento importantíssimo de promoção e divulgação do Conselho e de um património mundial", sublinhou.

Presente na apresentação do documentário em Foz Côa, o sub-director do ICGSPAR, João Pedro Ribeiro, afirmou também que o filme representa "um esforço particularmente interessante para a divulgação do património".

O mesmo responsável destacou ainda o trabalho que os arqueólogos têm feito em Vila Nova de Foz Côa, considerando-o "um trabalho de grande valia, que nos prestigia internacionalmente".

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■



O filme "Côa, o rio das mil gravuras" foi apresentado em Vila Nova de Foz Côa na última semana

Arqueologia

Museu de Foz Côa começará a funcionar no início de 2008

III ★ Estrutura é considerada fundamental para relançar o processo de visitas à região III ★ Está em estudo a hipótese de introduzir no Parque Arqueológico cavalos Przewalski, espécie que aparece em várias gravuras

■ Eduardo Pinto

Por enquanto foi o tempo, mas já passaram sete anos. No dia 4 de Dezembro de 1998, a Unesco atribuiu ao Vale do Côa a classificação de Património Mundial da Humanidade. Motivo: o maior sítio do mundo de arte rupestre paleolítica ao ar livre.

Aquela entidade chetou para assegurar a conservação das ideias quanto ao retorno do processo de construção de uma barragem e a consequente submersão das gravuras. E trouxe muitas perspectivas de grande desenvolvimento Vila Nova de Foz Côa e os concelhos limítrofes.

Até hoje, dois anos, a regeneração do sítio, para longe para o centro do rio, mas as gravuras, cada vez em maior número, ali permaneceram, serenas, como quando do seu redescoberto em 1991. Mas a regeneração que se realizou firmemente que a futura realidade não seja perturbada, logo após a conclusão da barragem.

A principal preocupação é inverter a tendência negativa do número de visitantes

O Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) anunciou a abertura de visitas ao longo do rio Côa, em uma altura em que decorrem as obras de construção do Museu de Arte e Arqueologia em Vila Nova de Foz Côa, cuja conclusão da obra é apontada para finais do próximo ano. O ICGSPAR refere que, com a concretização deste espaço museológico, "criam-se condições para a salvaguarda e divulgação da arte rupestre do Côa e a protagonizam um dos eixos de desenvolvimento da região".

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■

■ ■ ■ ■